



NATHÁLIA MONTEIRO DA SILVA

**AQUI ESTAREMOS BEM:**

UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DOS “FILHOS DA HANSENÍASE”

**LAVRAS**

2019

**Nathália Monteiro da Silva**

**AQUI ESTAREMOS BEM:**

**UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DOS ‘FILHOS DA HANSENÍASE’**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção  
do título de licenciando.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Constâncio  
Rodrigues

Coorientadora: Dra. Estela Aparecida Oliveira  
Vieira

**LAVRAS**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Esse trabalho foi desenvolvido no coletivo, portanto não posso dizer que é apenas meu. Sem essas pessoas eu jamais teria conseguido concluir o que imaginei quando comecei a pensar em desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, cada página desse projeto tem um pouco de cada uma delas.

Em primeiro lugar preciso agradecer a minha mãe, Joelma, e meu padrasto, Rogério, pelo apoio e incentivo. E, acima de tudo, por ter andando comigo por toda cidade de Betim atrás de cada migalhinha de informação que resultou nesse trabalho. Vocês foram os melhores parceiros que eu poderia ter.

Aos meus orientadores, Ângelo e Estela, meu muito obrigada por terem acreditado na minha pesquisa logo no primeiro contato, incentivado e cobrado. Principalmente por não terem me deixado desistir quando o percurso ficou difícil.

Ao longo desse trabalho encontrei pessoas maravilhosas que se dispuseram a ajudar com cada informação que tinham e preciso deixar aqui meus agradecimentos a cada uma delas. A equipe de assistência básica de saúde de Contagem, por me permitir acompanhá-los na minha primeira visita a Colônia Santa Izabel. A coordenadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa da FHEMIG, Lenize. A equipe da secretaria da Escola Estadual Gramont Alves Gontijo, que me apontou o caminho certo. A diretora Márcia, da Escola Municipal Frei Rogato, pela disponibilidade e vontade de ajudar. Ao Frei José Roberto, pároco da Paróquia Santa Izabel, que me forneceu as informações necessárias para concluir esse projeto. Aos moradores e ex-internos que me receberam tão bem e me fizeram sentir em casa. A equipe da Biblioteca Municipal de Betim que procuraram por cada livro em seu acervo que pudesse me dar alguma informação. E a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Betim. Sem vocês esse projeto jamais teria ganhado forma e deixado de ser apenas uma ideia.

## **Resumo**

O presente trabalho nasceu do esforço para manter viva a história de uma escola em meio a uma das maiores colônias de confinamento de portadores da hanseníase no Brasil. Com base nesta premissa, nosso estudo busca rastrear a trajetória da Escola Municipal Frei Rogato, enquanto instituição responsável pela educação dos filhos da hanseníase na Colônia Santa Izabel em Betim, Minas Gerais, a partir dos anos 30. A partir de referenciais de pesquisa documental e revisão bibliográfica buscamos identificar os elementos constituintes da referida escola: fundação, público alvo, metodologias didático-pedagógicas utilizadas e impacto social no seu entorno. Os estudos e levantamentos iniciais indicam uma instituição de ensino que sobreviveu ao longo dos anos e que traz uma rica história de educação, esperança, luta contra o preconceito e que delinea um momento histórico que precisa ser resgatado para não ser exatamente esquecido.

**Palavras-chave:** Educação Inicial; Leprosário; Pesquisa documental;

## **Abstract**

The present work was born from the effort of many people to keep alive the history of a school in the middle of one of the largest leprosy containment colonies in Brazil. Our study seeks to trace the trajectory, since 1930, of Frei Rogato Municipal School as an institution responsible for the education of leprosy children in the Santa Izabel Colony in Betim, Minas Gerais. Based on references of found on a documentary research, we sought to identify the constituent elements of the school: foundation, target audience, didactic-pedagogical methodologies used, and social impact in its surroundings. Early studies and surveys indicate an educational institution that has survived over the years and has a rich history of education and hope, which also fight against prejudice. The Frei Rogato Municipal school outline a historic moment that needs to be rescued in order not to be forgotten.

**Keywords:** early education; Leprosarium; Documentary research;

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I- Hanseníase: Porque não estamos bem!.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo II-Colônia Santa Izabel - uma possibilidade de ficar bem!.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo III- Escola Municipal Frei Rogato: A esperança de ficar bem!.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo IV-Considerações finais: O que é estar em uma escola.....</b>	<b>21</b>
<b>Referências.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante as primeiras décadas do século XX, segundo Carvalho (2009), o crescimento urbano e o inaugural processo de industrialização podem ser considerados fatores que trouxeram a discussão acerca da primazia da saúde pública para um Estado que se encontrava em processo de grande desenvolvimento. Sendo assim, as questões de doenças endêmicas passaram a figurar entre as pautas de assuntos estatais, visto que, prejudicavam a qualidade da mão-de-obra, a produtividade e, acima de tudo, a imagem do país como nação. Se tratando da Lepre, a ideia de que o Brasil pudesse ser conhecido como uma nação leprosa incomodava tanto os governantes estatais como os intelectuais da época, surge então, através das políticas sanitaristas, os hospitais colônia que tinham como finalidade o isolamento das pessoas assoladas pela doença.

A Colônia Santa Izabel localizada no município de Betim, em Minas Gerais, segundo a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG, 2018), começou a ser construída em 1921, quando o governo desapropriou os terrenos e mananciais da antiga fazenda Motta, e teve sua inauguração oficial em 1931. Na época de sua construção chegou a ser considerado um modelo de leprosário, com grade pavilhões onde os internos eram divididos em sexo e faixa etária. Como consta no 4 Vol. do Caderno de Memórias (2010) realizado pela Fundação Artístico Cultural de Betim (FUNARBE), a Colônia foi planejada seguindo os modelos das cidades jardins.

Projetada para abrigar 1500 pessoas, ainda segundo a FHEMIG (2018), chegou a abrigar 3.886 pacientes sob um regime que lembrava o de uma penitenciária. Os pavilhões eram coordenados por freiras com regras rígidas e punições para quem infligisse as mesmas. A

condição de doente, a privação da vida em uma sociedade livre e a distância dos familiares levaram muitos dos internos ao suicídio. Para impedir a fuga dos pacientes a colônia contava com moeda própria e guaritas com correntes nos limites do leprosário.

Perante as leis de isolamento criou-se um sentimento de que o hanseniano seria um marginal a ser denunciado ao serviço de vigilância sanitária. Essa visão segregacionista perante o doente deixou de considerar se o mesmo possuía laços familiares e relações com a comunidade na qual estava anteriormente inserido. Devido a esse sentimento indivíduos de diferentes meios e classes sociais foram confinados no leprosário, dentre eles artistas plásticos, músicos, professores, atores, etc. Fazendo com que a vida cultural na colônia fosse marcante, assim como a valorização de ações culturais e de educação.

Surge então, segundo Projeto Político Pedagógico da própria escola e trabalho de recuperação de memórias em parceria com a FUNARBE, em 1933, a Escola Especial Anexo da Colônia Santa Izabel, fundada pelas irmãs da Nossa Senhora do Monte Calvário sob serviço da FHEMIG. A escola funcionava no antigo pavilhão infantil e é considerada marco importante da Colônia, uma vez que, foi ali que muitos tiveram acesso a uma educação anteriormente negada.

O presente trabalho tem como objetivo conhecer a história da fundação dessa instituição de ensino que se diferencia de outras pelo cenário no qual está inserida, como também, suas metodologias didático-pedagógicas, público alvo e seu impacto social no entorno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Além disso, a pesquisa se utiliza de uma análise documental, assim como relatos de história oral, visto que os documentos que poderiam traçar a trajetória dessa escola são escassos. Conforme Silva (2018, p. 19), através da história oral, busca-se "extrair o significado das vivências, experiências pessoais, familiares, profissionais, comunitárias e sociais dos indivíduos. ". Os relatos orais foram obtidos de forma espaçada, sem estruturação de entrevista e anotados em um caderno de campo durante as visitas a colônia e outras instituições na cidade de Betim. O processo de busca pelo passado da instituição se deu através de visitas a Colônia bem como uma busca de informações com as irmãs de Nossa Senhora do Monte Calvário, com a FHEMIG, na própria intuição e com os freis Franciscanos.

Esta pesquisa está dividida por capítulos. Em um primeiro capítulo buscou-se explorar a história da própria doença e do preconceito que acompanha ao longo dos séculos aqueles que

são acometidos pela Hanseníase. O segundo capítulo traz em si a Colônia Santa Izabel, visto que este é o cenário onde a escola, que é objeto de estudo desse trabalho, está inserida e, portanto, para compreender a importância de manter viva a história dessa instituição é necessária compreender a vivência daqueles que foram impactados por ela. Em um terceiro capítulo o levantamento acerca da própria instituição de ensino. O quarto, e último capítulo, reúne as concepções finais do que foi discutido ao longo do trabalho.

## **CAPÍTULO 1**

### **Hanseníase: Porque não estamos bem!**

*O enfermo atacado de lepra andará com roupas rasgadas e com os cabelos desgrehados; cobrirá a barba e gritará: ‘impuro! Impuro!’ Será impuro enquanto durar seu mal e, sendo impuro, habitará sozinho e fora do acampamento. (Levítico, cap. 13, vec. 45)*

Segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), a Hanseníase, chamada anteriormente por lepra ou mal de Lázaro, é uma doença infecciosa que tem causa pela bactéria *Mycobacterium leprae*, descoberta em 1873 pelo médico norueguês Gerhard Henrik Armaeur Hansen. Muito embora a descoberta da bactéria causadora da doença tenha acontecido no século XIX, a hanseníase é uma das doenças mais antigas do mundo com registros de casos de mais de 4.000 anos na China, Índia e Egito.

De acordo com dados da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2013), devido à falta de conhecimento acerca da causa doença, tratamento e forma de transmissão, durante séculos ela foi associada a impureza, ao pecado e a desonra. A hanseníase era muitas vezes confundida com outras doenças, principalmente de pele ou venérea, surge então o preconceito com relação ao portador, uma vez que, para a transmissão, pressuponha-se necessitar de um contato corporal próximo, muitas vezes de maneira sexual e, portanto, pecaminoso.

Eidt (2004), aponta algumas regras sociais que foram impostas aos hansenianos no passado. Tais como as vestimentas, os doentes deveriam andar com as cabeças cobertas, com túnicas de cores específicas pretas, castanha ou parda, além disso, alguns países exigiam que andassem com sinais como uma mão ou um ‘L’. Deveriam também avisar sua chegada com uso de campainhas ou de matracas. Eram proibidos de lavar roupas em lugares de uso comum, de entrar nas cidades e de manusear alimentos que fosse, posteriormente, comido por pessoas sadias. Não podiam também comer ou dormir com pessoas que não fossem atingidas pela hanseníase. Após suas mortes, como aponta Eidt (2004), suas casas, roupas e móveis eram queimados e em alguns países, esse não foi o caso do Brasil, após o diagnóstico a pessoa era considerada morta civilmente, não podendo deixar nem mesmo herdeiros.

De acordo com a SBD, existem duas classificações da hanseníase, sendo elas a paucibacilar com poucos ou nenhum bacilo no exame e a multibacilar com a apresentação de muitos bacilos e que se não tratada possui possibilidade de transmissão. A hanseníase se apresenta como manchas mais claras, vermelhas ou mais escuras que a pele, com alteração da sensibilidade do local associado a perda de pelos e falta de transpiração daquela área. Segundo Dr. Getúlio Moraes<sup>1</sup>, diretor da Casa de Saúde Santa Izabel, em palestra no dia 6 de setembro de 2019, ao iniciar o tratamento e tomando a primeira dose do medicamento 99% dos bacilos são eliminados e em uma semana o doente não pode mais transmitir a hanseníase.

Ainda conforme Dr. Getúlio Moraes (2019), para que uma pessoa possa ser acometida pela hanseníase antes ela precisa ter um problema imunológico, pois em uma pessoa saudável o corpo produz anticorpos que destroem a bactéria *Mycobacterium leprae*, de cada 100 pessoas apenas 10 tem esse defeito imunológico. Associada a questão imunológica está a questão social dos indivíduos, para a doença possa se manifestar ela precisa de fome, de miséria, dependendo muito do meio ambiente em que esta pessoa está inserida. Nos primeiros leprosários construídos na Europa haviam casos de cura da hanseníase apenas com a intervenção social, uma vez que, nesses ambientes o leproso tinha acesso à educação, higiene, alimentação, etc.

---

Dr. Getúlio Moraes, ‘‘Hanseníase: Uma história de preconceito’’ (Palestra). FHEMIG, Betim, Minas Gerais. 6 de set. De 2019.

## CAPÍTULO 2

### Colônia Santa Izabel - uma possibilidade de ficar bem!

*O trem se pôs logo em marcha apressada,  
e no apito rouco da locomotiva  
gritava o impudor de uma nota de alívio...*

*Eu quis chamar o homem, para lhe dar um  
sorriso,  
mas ele ia já longe, sem se voltar nunca,  
como quem não tem frente, como quem só  
tem costas...*

*(Reportagem, Guimarães Rosa)*

A Colônia Santa Izabel, hoje denominada Casa de Saúde Santa Izabel, teve sua criação possibilitada graças a lei nº801 de 02 de setembro de 1921 (BRASIL, 1921). Após a desapropriação de terras, por parte do governo federal, da antiga Fazenda do Motta para uso público em 1922 inaugurou-se a pedra fundamental e a colônia apenas em 1931. Foi uma das maiores instituições criadas no Brasil com o intuito de isolar os portadores da lepra sendo, segundo o 4º vol. Do Caderno de Memórias produzido pela FUNARBE (2010, p.26), o primeiro hospital-colônia com a finalidade de isolar portadores da Hanseníase construído no estado de Minas Gerais. Está localizada na cidade de Betim em um terreno próximo ao Rio Paraopeba, a 42 km da capital do estado, Belo Horizonte.

Como coloca Keila Carvalho (2012, p.22), em sua monografia *Colônia Santa Izabel: A lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960)*, a construção da Colônia desdobrou-se por aproximadamente uma década, desde 1922 até 24 de dezembro de 1931, quando recebeu seus primeiros internos. O transporte dos doentes dava-se por rede ferroviária, as principais vias de acesso eram as estradas de ferro Central do Brasil e a Rede Mineira de Viação. Os leproso eram transportados em um vagão separado dos demais passageiros, conhecido como vagão do leproso, e desembarcados na estação Carlos Chagas em Mário Campos, a cerca de 5 Km do portão principal da Colônia. Os pacientes eram transportados por esse percurso de jipe, porém aqueles que desejavam fazer visitas aos internos tinham de percorrer o caminho a pé, o que contribuía ainda mais para o isolamento dos leproso.

Carvalho (2012, p. 59), pontua que

No portal estava inscrita a seguinte mensagem “*Hic manebimus optime*”, cujo significado era “Aqui estamos bem”. Essa não era uma frase escrita para os que estavam do lado de fora, mas para aqueles que iriam adentrar o portal, uma tentativa de convencer o leproso que, embora isolado do mundo a que pertencera anteriormente, ele ficaria bem. Essa inscrição remete-nos a ideia de morte social. O portal era como uma lápide daquele que passasse a viver lá dentro. A certeza de que dentro do leprosário o doente ficaria bem, era um preceito defendido pelas autoridades sanitárias que, na verdade, estavam pensando na contenção da lepra.

Dessa forma a construção de uma colônia de isolamento com certo nível de conforto nada tinha a ver com preocupação com os doentes, era, acima de tudo, uma negociação para com eles. O leproso abriria mão da sua liberdade, da vida em sociedade que tinha fora dos muros da Santa Izabel, do convívio familiar e, em troca, receberia moradia e um tratamento médico que, de início, não buscava a cura da doença, apenas sua contenção.

Figura 1- Tapeçaria representando o portal de entrada do leprosário.



Fonte: Centro de Memória e Ação Luís Veganin. (2019)

De acordo com a FUNARBE (2010), a Colônia Santa Izabel foi pensada seguindo o duplo viés de conforto material e limitação de liberdade. Lincoln Continentino, engenheiro civil responsável pelo projeto, baseou-se no conceito urbanístico das cidades jardins, que se materializou em ruas largas, bem iluminadas, espaços destinados ao lazer e à cultura, chafarizes, aquários e uma ampla infraestrutura que os pacientes não teriam acesso em suas comunidades

de origem. Toda via, esse planejamento tinham também outro objetivo além de oferecer certo nível de conforto aos internos, uma cidade autossuficiente, fechada em si, mesmo que controlada externamente.

A Colônia Santa Izabel foi inaugurada com 68 edifícios que foram divididos em três zonas: a zona dos doentes, a zona neutra e a zona dos sãos. Segundo Carvalho (2012, p.56), na primeira zona, a dos doentes, ficavam os edifícios destinados a moradia, esses edifícios eram divididos, ficando assim, de um lado casais e mulheres solteiras e do outro os homens solteiros e o pensionato, onde quem advinha de famílias mais ricas poderia se hospedar. Também se encontrava dois hospitais, divididos por gênero, posto policial, dispensário, escola, refeitório, casa das irmãs, oficina de costura, biblioteca, clube de futebol e recreativo e barbearia. Com a continuidade das obras ganhou ainda uma habitação para casais, o pavilhão infantil, um pavilhão de diversões e uma oficina de carpintaria e marcenaria.

Na chamada zona neutra estava localizado o Instituto de Pesquisa Gaspar Viana, o Instituto de Química Lourenço de Magalhães, que como aponta Carvalho (2012), funcionava como laboratório químico e farmácia, a casa de máquinas e o pavilhão de observação. Já a zona dos sãos pode ser caracterizada como sendo onde se encontrava a administração da Colônia, nela estavam localizadas as casas dos funcionários, a casa do diretor, caixa d'água e posto meteorológico, em 1933, foram construídos ainda garagem de carros, um clube e escola para filhos dos funcionários.

Keila Carvalho observa que,

Naquele momento, o foco da preocupação era a preservação da população sadia da ameaça representada pela enfermidade e, sendo assim, a construção de colônias de isolamento autossuficiente e com certo padrão de conforto, resultava da necessidade de 'negociar' com o doente a privação de sua liberdade. A perspectiva era de que, apesar de isolado, o indivíduo pudesse continuar vivendo como se estivesse na sociedade. (2012, p. 59).

Durante o período de políticas de isolamento a profilaxia da lepra se baseava no tripé leprosário/preventório/dispensário. Como elenca Almeida, *et al* (2012, p. 276), "aos leprosários cabia o isolamento compulsório de todos os casos, os preventórios dedicavam-se ao cuidado, à educação e à observação dos filhos de doentes e os dispensários realizavam o diagnóstico da doença e o encaminhamento para o isolamento dos doentes." Sendo assim, eram

aos preventórios que as crianças filhas de pacientes eram enviadas quando os pais eram internados, uma vez que, como levanta Almeida *at al* (2012), muitas vezes familiares não adotavam essas crianças por medo de contágio. Além desses casos, também eram enviados para os preventórios os filhos frutos de relacionamento de internos dentro da Colônia logo após o nascimento.

Ao contrário do que acontecia com os doentes assolados com a tuberculose e isolados, os hansenianos não recorriam ao suicídio como forma de fuga do mal que lhes afligia. Como aponta Carvalho (2012), os casos de suicídios dentro da Colônia eram surpreendentemente baixos e quando ocorriam não tinham a lepra como motivador principal. Citado Dr. Abraão Salomão, chefe do serviço técnico da Divisão as Lepra, Carvalho (2012) denota as desordens psíquicas como causa principal dos casos de suicídios. Tais transtornos tinham as mais variadas motivações: intrigas, dores e delírios febris sendo os principais.

As fugas, por outro lado, eram imensuravelmente comuns. Carvalho (2012) revela que a saudade da família e uma tentativa de retomar o direito de ir e vim eram os principais motivadores para estas. Apensar de estarem previstas no regulamento da Colônia, as visitas obedeciam a um rigoroso processo afim de evitar qualquer contato entre a pessoa doente e seus familiares sadios que, somado ao longo e difícil percurso até o leprosário, tornavam tais visitas raras e insatisfatórias. Embora a admiração do hospital colônia buscasse impedi-las, essas fugas continuavam ocorrendo com muita frequência e a maneira mais eficiente de impedi-las foi estabelecer a ideia de que ao evitar qualquer contato com os familiares o doente estaria assim protegendo-os de também serem contaminados. Tal pensamento diminui o número de evasões, mas não as impediu por completo, visto que ainda haviam aqueles que preferiam passar por todo o martírio físico e moral de tentar chegar à capital a permanecer completamente isolados do restante da sociedade e da vida que foram obrigados a deixar para trás.

Apesar das constantes fugas, aqueles que escapavam retornavam a colônia. Visto que, apesar do isolamento, o leprosário trazia consigo pontos positivos para aqueles que lá estavam. Sendo a aceitação de estar entre aqueles que entendiam a condição de leproso e a infraestrutura que o doente não teria acesso fora dali como sendo os principais pontos para o retorno destes ao hospital. Tendo-se em vista que não era permitido para o doente trabalhar fora do leprosário, a sobrevivência dentro da colônia tornava-se infinitamente mais viável, esta acabava por se constituir, portanto, como uma casa para seus internos.

Ao voltar-se os olhos para esse período de isolamento dos hansenianos em hospitais colônias é impossível não salientar todas as negativas dessa experiência para àqueles que a vivenciaram. Entretanto, não se pode negar o que de positivo foi agregado para essas pessoas, o acesso à cultura e educação que dê certo passou a ser negado a esses indivíduos a partir do momento de seus diagnósticos é um exemplo disso. Tanto a FUNARBE (2010) quando Carvalho (2012) em suas publicações evidenciam a intensa vida cultural da Colônia Santa Izabel. Essa se dava por dois motivos, como apontam ambas as publicações, em um primeiro momento pela permanente negociação com o doente, a oferta de certos confortos em troca da liberdade, e também, graças aos diferentes indivíduos que foram enviados para o leprosário, dentre eles professores, músicos, artistas plásticos, esportistas, escritores.

Em 1934, segundo Carvalho (2012), fora construído, com recursos doados pela Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, o pavilhão de diversões. Tal pavilhão comportava o Cineteatro Glória, único cinema da região e que impressiona por sua arquitetura até os dias atuais. Além de peças teatrais e filmes, o pavilhão de diversões também realizava bailes, saraus, bingos e outras atividades recreativas.

Figura 2- Pavilhão Juiz de Fora.



Setembro de 2019

A FUNARBE (2010) e Carvalho (2012), apontam também a vida religiosa como importante instrumento de socialização na colônia. A igreja católica estava inserida na Colônia

Santa Izabel desde sua fundação através primeiramente das freiras de Nossa Senhora do Monte Calvário e posteriormente pelos freis franciscanos exercendo, em primeiro plano, a função de cuidados com os doentes e até mesmo certa administração, mas também como ligação entre aqueles que estavam reclusos e a sociedade fora dos muros do hospital, portanto em 1935 foi inaugurada a Igreja Matriz de Santa Izabel. A igreja realizava procissões, festas religiosas, bingos e abrigava um dos maiores patrimônios culturais da Santa Izabel, o Coral Tangarás, fundado por religiosos na primeira metade da década de 1930 e que está em funcionamento até hoje.

Todavia, as atividades recreativas não se restringiam aos universos do pavilhão de diversões, às festas religiosas ou à música: a vida na Colônia Santa Izabel era embalada por um número variado de eventos e festividades, tais como festas cívicas, comemorações de datas nacionais, manifestações, festivais esportivos, festejos carnavalescos, rádio e vitrola, cujo objetivo parece ter sido justamente divulgar uma determinada imagem sobre a vida no leprosário. (Carvalho, 2012. Pág. 70)

Figura 3- Paróquia Santa Izabel.



Setembro de 2019

Todavia, não eram apenas as atividades culturais que faziam parte da vida cotidiana dos internos. Carvalho (2012), em sua monografia, traz a luz o trabalho como importante constituinte do cotidiano na colônia. O corpo de funcionários na Santa Izabel era bastante reduzido e cabia aos doentes realizar boa parte das atividades necessárias para que o leprosário pudesse funcionar, e mais do que isso, funcionar como uma cidade autossuficiente. Boa parte dos internos eram lavradores, por isso a colônia se constituiu como uma colônia agrícola, uma vez que esse modelo permitiria o aproveitamento da mão de obra de grande parte dos colonos.

Por isso, na Colônia Santa Izabel foi criado, inclusive, o cargo de mestre de cultura, destinado ao ensino de métodos racionais de cultura e criação aos doentes. [...] Todas essas atividades eram desenvolvidas na Colônia, que, além da mão de obra, também contava com equipamentos agrícolas para o beneficiamento dos produtos. (Carvalho, 2012. Pág. 63)

Carvalho (2012) aponta ainda que o trabalho estava assegurado pelo regimento interno da colônia, a cada quatro meses o diretor deveria escolher entre os doentes os que estavam aptos a trabalhar e esses passavam a exercer funções de acordo com suas preferências e especializações. Sendo assim, não eram apenas os trabalhos agrícolas que era exercidos pelos internos, haviam também: escritório, enfermagem, educação, refeitório, segurança, os trabalhos autônomos e todos os outros necessários para o funcionamento do leprosário. Cabe salientar que esses trabalhos eram remunerados e cada internos recebia de acordo com a atividade desempenhada.

Segundo o Dr. Getúlio Moraes em palestra ministrada no dia 6 de setembro de 2019, no Núcleo de Ensino e Pesquisa (NEP) da FHEMIG, os tratamentos oferecidos nos primeiros anos do leprosário eram praticamente inexistentes. Em uma tentativa de encontrar medicamentos que funcionassem contra a hanseníase os pacientes eram submetidos aos testes como cobaias, criou-se a lenda que na Colônia Santa Izabel os remédios matavam. Além disso, não existia ainda uma equipe médica e os próprios colonos realizavam os cuidados um dos outros juntamente com os membros religiosos presentes na colônia.

Ainda segundo Dr. Getúlio, a colônia foi aberta para outras pessoas que não fossem acometidas pela hanseníase em 1986, quando também acabou de fato a internação compulsória dos doentes, 44 anos após ter sido desenvolvido o tratamento para doença, devido o preconceito com relação ao hanseniano. De acordo com a FHEMIG (2018) as ações destinadas a prevenção de incapacidades causadas pela hanseníase somente tiveram início em 22 de agosto de 1988. Atualmente, funcionando sob o nome de Casa de Saúde Santa Izabel, a instituição tornou-se uma das referências no tratamento da hanseníase, atendendo pacientes de todo o estado. Grande parte dos colonos restantes ainda vivem no entorno do hospital que ainda abriga alguns deles.

### **CAPITULO 3**

## **Escola Municipal Frei Rogato: A esperança de ficar bem!**

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) (2015) da Escola Municipal Frei Rogato/EMFR, a instituição foi fundada em 1933, na rua Pedro Aleixo, na Colônia Santa Izabel. Sob o comando das freiras da congregação de Nossa Senhora do Monte Calvário, em seu primeiro ano a escola atendia 34 crianças de diferentes idades. Posteriormente a instituição foi transferida para a rua Emílio Ribas visto que o número de alunos aumentou e havia a necessidade de uma sala maior. Nesta época recebia o nome de Escola Especial Anexa à Colônia Santa Izabel. Era responsável pela educação de crianças acometidas pela hanseníase e levadas até o leprosário. O ensino nesses primeiros anos compreendia do 1 ao 3 ano do ensino fundamental e tinha objetivo alfabetizador apenas.

Em 1944 a escola foi transferida para o pavilhão das crianças que acabara de ser construído. Segundo literatura esparsa, as aulas aconteciam após o almoço em uma sala grande onde alunos de diferentes idades e níveis educacionais assistiam juntos as matérias ministradas por uma única professora. De acordo ainda com essas literatura, eram mais de 40 alunos em uma mesma sala, entretanto, a instituição entendia que, à despeito das condições, sua missão era cumprida na medida em que, muitos que nunca tiveram acesso à educação ou o tiveram negado após a confirmação de um diagnóstico de hanseníase, foram alfabetizados ali. No ano de 1954 a escola foi vinculada à Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Betim e ganhou três novas salas em prédios separados, ainda dentro da Colônia, onde passaram a funcionar três classes de níveis diferenciados. Segundo ainda este conjunto de relatos da época, a instituição começou a oferecer o quarto ano do ensino fundamental.

Figura 4- Turma da Escola Anexa a Colônia Santa Izabel. Década de 1960.



Fonte: Acervo da Escola Municipal Frei Rogato. (2019)

Como consta no PPP (2015) da atual escola, em 1987 a instituição foi formalmente colocada sob os cuidados do Estado e recebeu o nome de “Escola Estadual Frei Rogato/EEFR”, a vinculação com estado muito provavelmente tenha se dado devido a abertura da Colônia Santa Izabel.<sup>2</sup> Visto que, mesmo que o tratamento para a hanseníase já tivesse sido desenvolvido, o preconceito para com os ex-internos e familiares, que foram se aglomerando no entorno do leprosário e deram origem ao Regional Citrolândia<sup>3</sup>, era muito grande e as instituições de ensino da cidade de Betim não aceitavam crianças daquela região em suas escolas.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN, no. 9.394 (BRASIL, 1996) na medida em que, que trata da organização nacional da educação e determina no Art. 11 que a educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental estão sob responsabilidade dos municípios, sendo assim, a EEFR, que oferecia do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental, passa a ser responsabilidade do município de Betim em 1 de janeiro de 1998. Denominando-se atualmente como Escola Municipal Frei Rogato, e com nova localização na rua Ana Neri, 399/400, ainda na Colônia Santa Izabel, onde atende atualmente, como consta em seu PPP (2015), cerca de 584 alunos. Importante destacar que que em meio aos atuais alunos pertencente a escolas, há ainda, um significativo contingente de descendentes dos alunos iniciais da escola de 1934.

---

<sup>2</sup> No Brasil, segundo Carvalho (2012), o internamento compulsório de pacientes com hanseníase foi abolido oficialmente em 1960, porém continuou ocorrendo até a década de 1970. Já os pacientes que eram internos da Colônia Santa Izabel só receberam permissão para deixar, de fato, o leprosário em 1986.

<sup>3</sup> A cidade de Betim é dividida regiões estratégicas para facilitar o atendimentos aos moradores dos diferentes bairros. Atualmente o município é dividido em dez regionais, sendo a Citrolândia uma delas.

Os relatos coletados esparsamente ao longo do processo de construção deste trabalho nos indicam que a EFR dos tempos iniciais teria sido “um presente” para a comunidade como um todo e em especial para os ex-internos e ao mesmo tempo, alunos da escola em questão. O que configura o grau de importância e de significação da educação para aquelas pessoas. Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança*, destaca que não é possível viver “ [...] a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica” (1992, p. 05). Sob a visão freiriana, a educação tem papel libertador no sentido que traz para o indivíduo a esperança de melhorar sua existência humana e possibilita as classes populares a imersão na sua realidade através da linguagem e a linguagem torna-se caminho para a criação de uma cidadania. Ainda que essa cidadania fosse limitada aos muros da Colônia Santa Izabel, lhes era oferecida a possibilidade de exercê-la de maneira que não seria possível em outro lugar primeiramente pela condição de analfabetos e posteriormente, após diagnóstico, pelo estado de padecerem da lepra.

Importa destacar que, ao serem diagnosticados, esses indivíduos perdiam tudo, a liberdade, o convívio com a família, a própria identidade. Mas, há que se ressaltar o fato de que, quando esse diagnóstico vinha ainda na infância destes indivíduos, se perdia também o direito à infância. Era dentro da escola que se patrocinava as primeiras relações com outros “iguais”, além disso, soma-se aqui outro aspecto relevante, qual seja o de que, por virem de comunidades extremamente pobres e conseqüentemente, nenhum acesso à educação, foi dentro da escola da Colônia que uma “pedagogia da esperança” aconteceu pela primeira vez para muitas crianças e pré-adolescentes.

Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo (Freire, 1992. p. 18)

Apesar de só possuir uma sala e uma professora nos primeiros anos o processo de ensino acontecia no coletivo. Informações sobre os antigos alunos relatam que as atividades e provas eram muitas vezes elaboradas por outros internos que fora dos muros do leprosário haviam exercido a profissão de educador. Até que passasse a ser responsabilidade do estado de Minas Gerais na segunda metade da década de 1980, a “Frei Rogato” não recebia nenhum tipo de

material do governo, sendo assim, cabia a outros internos da Colônia – professores, artistas plásticos, atores, profissionais em geral – prestarem auxílio a professora regente na elaboração e correções de provas da instituição.

Em se falando de “esperanças” é interessante pontuar que as mesmas eram perdidas, tanto pelos “externos” que viviam suas vidas e profissões e a perdiam no momento de um diagnóstico positivo de hanseníase, quanto pelas crianças “filhas da hanseníase” que igualmente perdiam suas infâncias e por conta de uma escola, ambos os grupos obtinham um resgate de suas esperanças e possibilidades de alguma atuação, naquela sociedade reclusa, praticamente um “gueto”. A EFR permitia uma certa revalorização destas pessoas e crianças e ao mesmo tempo, um resgate de suas autoestimas e este pode ser definido com o principal legado de contribuição dessa escola para aquela comunidade.

## **CAPÍTULO 4**

### **Considerações finais: O que significou estar bem em uma escola**

Ao caminhar hoje pelas ruas da Colônia Santa Izabel é preciso ter os olhos e coração aberto para entender o paradigma que aquele lugar representa. O título desse trabalho parte da observação desse paradigma. No portal de entrada da colônia, em latim, estão escritas as palavras “*Hic manebimus optime*” (Aqui estaremos bem)’ e, de fato, apesar de todas negativas daquele lugar, ali o hanseniano estaria melhor, mas só ali, pois lhe foi usurpado o direito de estar em qualquer outro ambiente. Tendo essa percepção os internos tomaram posse daquele lugar, reuniram-se entre os seus e lutaram e lutam até hoje contra uma doença que é não mais a hanseníase em si, mas sim, o preconceito. Doença essa, para qual o único tratamento existente é a Educação.

A atual Escola Municipal Frei Rogato, inserida no leprosário desde a década de 1930, cumpriu e tem cumprido o seu papel, até mesmo além do que tinha como objetivo inicial, pois, além de possibilitar o acesso à educação daqueles indivíduos já tão marginalizados, possibilitou o surgimento de uma fagulha de esperança sobre a realidade daquelas pessoas. A instituição resistiu aos anos, às mudanças sociais e ao preconceito, juntamente com seus alunos, visto que mesmo quando os portões “físicos” do leprosário foram abertos o preconceito os manteve fechados de outra forma, na medida que manteve os antigos pacientes ainda aprisionados na

condição de internos e a Frei Rogato continuou sendo alento de esperança, a ponte de acesso a outros mundos para essas pessoas, mesmo estas estando aprisionadas, fisicamente ou não.

Atualmente a Colônia Santa Izabel é parte integrante da Regional Citrolândia, nome do bairro que se desenvolveu em seu entorno e pertence ao município de Betim. Todavia, os moradores daquela região permanecem com o sentimento de não pertencimento aquela cidade. Em seu encontro com membros do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN) em 2007, o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva classificou os leprosários como uma tentativa de construir um Brasil dentro do Brasil para manter brasileiros reclusos e foi com esse sentimento que muitos ex-internos viveram durante todas suas vidas.

Esses indivíduos padeceram duplamente, por ter lepra e por serem leprosos, uma vez que o preconceito com a doença a tornou tão pior; foram marginalizados e encontraram no lugar onde deveriam ser esquecidos e ficar fora dos olhos da sociedade, os meios para se fazerem cidadãos novamente através da educação. Aquelas pessoas, abraçaram a Colônia como seu lar, o lar de todos, o local do pertencimento e com o advento da Escola esse sentimento foi potencializado de uma forma difícil de se imaginar pelas pessoas “normais”, aquelas que jamais experimentaram os dissabores de tal doença ou de qualquer preconceito.

**A Escola Frei Rogato, da Colônia Santa Izabel, por isso, somente por isso,  
merece este resgate histórico!**

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Suellen Santos Lima de et al. Maternidade e Hanseníase: as vivências de separação devido ao isolamento compulsório. **Estudos de Psicologia**, Minas Gerais, v. 2, n. 17, p. 275-281, ago. 2012

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Colônia Santa Izabel: A lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960)**. 2012. 246 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. 1.

CAVALIERE, Irene. **Hanseníase na História**. Brasil: FIOCRUZ. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1182&sid=7>. Acesso em: 29 set. 2019.

EIDT, Letícia Maria. **Breve história da hanseníase:** sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, ano 2, v. 13, ed. 2, Maio / Agosto 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902004000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200008). Acessado em: 29 set. 2019.

FHEMIG: Fundação Hospitalar de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.fhemig.mg.gov.br/index.php/atendimento-hospitalar/complexo-de-reabilitacao-e-cuidado-ao-idoso/casa-de-saude-santa-izabel>>. Acessado em: 30 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARTINS, Alberto Mesquita et al. Privação e padecimento: uma compreensão existencial do ser frente à hanseníase. **Hansenologia Internationalis**, Bauru, v. 17, n. 1, p. xx-xx, jun. 2012

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Táticas cotidianas e ação coletiva: a resistência das pessoas atingidas pela hanseníase. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 341-360, jun. 2012

Prefeitura Municipal de Betim. **Cadernos da Memória : Patrimônio Cultural de Betim** / Fundação Artístico Cultural de Betim - FUNARBE / organização de Ana Cláudia Gomes ; colaboração de Adriana de Araújo Lisboa e Otília Sales Neta ... [ et al]. -- Betim: Paulinelli, 2010.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: uma guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, fev. 2007.

SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da. **Por entre histórias e memórias: Percursos e percalços do curso de Licenciatura em Educação Física da UFLA**. Lavras. Ed: UFLA. 2018. 101 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Hanseníase**. Brasil: [s. n.], Disponível em: <https://www.sbd.org.br/dermatologia/pele/doencas-e-problemas/hansenise/9/>. Acesso em: 29 set. 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.